

| Mulher, Estado e Revolução*

de Wendy Goldman

Ler a revolução “com os olhos das mulheres”

Read the revolution “through the eyes of women”

por Iuri Tonelo**

No mês maio de 2014 as editoras Iskra e Boitempo trouxeram ao público o livro *Mulher, Estado e Revolução*, da historiadora norteamericana Wendy Goldman. Trata-se de uma pesquisa sobre a luta pela emancipação da mulher ao longo do desenvolvimento da Revolução Russa, analisando o período que vai de 1917 a 1936. O estudo deste determinado período histórico (19 anos de revolução) ganhou o interesse de muitas pessoas, que encheram auditórios de faculdades nos lançamentos ocorridos em Campinas, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

No Brasil, o livro rapidamente adquiriu o caráter de “clássico” nos estudos sobre a mulher. Encontrou aqui a efervescência das lutas da juventude e dos trabalhadores, que politizam parcelas da sociedade sobre situações muito semelhantes aos temas abordados por Goldman, que vão desde a exploração cotidiana do trabalho às formas de opressão sofridas pelas mulheres. Tais temáticas ganham mais atenção, especialmente por se tratar de um país que tem à frente do governo uma presidenta mulher e que, apesar disto, os casos de violência doméstica, agressões, estupros, prostituição infantil etc., continuam a crescer. O que leva à busca de uma solução radical como a vivenciada nos primórdios da Revolução Bolchevique com a apaixonada batalha da(o) s revolucionário(a)s pela emancipação das mulheres em meio às distintas contradições que as particularidades da Rússia e da situação internacional colocaram para o processo.

* Boitempo Editorial/Iskra: São Paulo, 2014.

** Doutorando em Sociologia pela Unicamp, Campinas-SP, Brasil. End. eletrônico: it_sociais@yahoo.com.br

A luta pela emancipação “antes e depois” da Revolução

Goldman demonstra que o debate sobre a condição feminina e a luta pela emancipação das mulheres se desenvolveram lado a lado com o processo revolucionário e o estudo do marxismo. As principais discussões teóricas, segundo a autora, partiam de Marx e Engels, passando pela socialdemocracia alemã (que tem seu ponto alto no livro de Auguste Bebel, “A mulher e o socialismo”) e culminando com os debates no interior do movimento revolucionário russo em geral e do partido bolchevique em particular.

Da análise destas discussões entre o(a)s bolcheviques, a autora apreende que a luta pela emancipação da mulher deveria começar antes da revolução, mas só poderia acabar ao término de um longo processo que não se restringe à “tomada do poder”. Conforme observa a autora:

Os bolcheviques argumentavam que somente o socialismo poderia resolver a contradição entre o trabalho e a família. Sob o socialismo, o trabalho doméstico seria transferido para a esfera pública: as tarefas realizadas individualmente por milhões de mulheres não pagas em suas casas seriam assumidas por trabalhadores assalariados em refeitórios, lavanderias e creches comunitários. Só assim as mulheres se veriam livres para ingressar na esfera pública em condições de igualdade com os homens, desvincilhadas das tarefas de casa (Goldman, 2014: 21).

Libertar a mulher das amarras que as prendem exige condições materiais que só o socialismo pode oferecer. Lavanderias e restaurantes públicos, creches e os diferentes mecanismos do Estado podem garantir a socialização das tarefas domésticas, libertando a mulher das correntes que a prendem “ao lar” e possibilitando o primeiro passo à independência do trabalho assalariado. A base material desse processo é o fundamento para se avançar na liberação “ideológica”, que passa pela busca da união livre e pela extinção da família monogâmica que, aliás, é monogâmica para as mulheres, enquanto que aos homens é garantida a poligamia (Cf. Engels, s/d). Assim, aponta Goldman:

Sob tais circunstâncias, o casamento se tornaria supérfluo. Homens e mulheres se uniriam e se separariam como quisessem, desassociados das pressões deformadoras da dependência econômica e da necessidade. A união livre substituiria gradualmente o casamento à medida que o Estado deixasse de interferir na união entre os sexos (...) A família, arrancada de suas funções sociais prévias, definharia gradualmente, deixando em seu lugar indivíduos completamente autônomos e iguais, livres para escolher seus parceiros com base no amor e no respeito mútuos (Goldman, 2014: 21).

Da luta pela igualdade jurídica à luta pela emancipação social

Wendy Goldman parte do avanço imediato que a Revolução Russa trouxe à luta das mulheres: concedeu o direito ao divórcio e se tornou o primeiro Estado do mundo a legalizar o aborto. Além disso, instaurou o matrimônio civil como única forma legal de união (arrasando a “ditadura” da Igreja sobre os relacionamentos). O novo Código Integral de Matrimônio, a Família e a Tutela (Código Familiar), de outubro de 1918, apenas um ano após da tomada do poder pelos bolcheviques, significava um enorme salto em relação a todas as micro reformas capitalistas “favorecendo” as mulheres nos Estados nacionais.

O brilhantismo do livro de Wendy Goldman está em perceber que a “igualdade jurídica”, isolada dos avanços do conjunto da revolução, era impossível. Desse modo, no caso dos divórcios (exemplo estudado pela autora), a emancipação da mulher era altamente dificultada pela guerra civil que os imperialismos impuseram à Rússia e que dificultaram enormemente as condições econômicas do país, levando as mulheres divorciadas a ficarem sem trabalho e, portanto, totalmente desamparadas.

O livro, portanto, fornece as bases necessárias para se separar das concepções feministas pós-modernas ou burguesas que encaram a luta da mulher isolada de uma transformação social de conjunto. Sobram exemplos que mostram que *os avanços das mulheres estavam completamente vinculados às lutas de operárias e operários para o desenvolvimento da revolução*. O que nos leva a pensar na atualidade desta perspectiva crítica à luz das democracias degradadas capitalistas.

O enfraquecimento da questão da mulher como expressão da decadência da Revolução

Marx e Engels costumavam reivindicar a expressão do socialista utópico Fourier que dizia que “*o grau de emancipação da mulher numa sociedade é o índice natural da emancipação geral*” (Engels, 1962: 49). Os avanços e retrocessos nesse terreno são expressivos ao se observar a Revolução Russa no período destacado por Wendy Goldman (1917-1936). O livro apresenta as conquistas iniciais da revolução e assinala, da segunda metade da década de 1920 em diante, os retrocessos que vão sendo impostos pelo stalinismo até acabar com o divórcio, criminalizar o aborto e reconstituir a família, como parte do “*termidor*” que viveu a revolução.

Leon Trotski dizia “*se queremos em realidade transformar as condições de vida, devemos aprender a olhar através dos olhos das mulheres*” (Trotsky, s/d). É justamente isto que Wendy Goldman nos apresenta. E deixa um importante legado às jovens gerações que também se inserem nesta luta: é preciso ler cada

uma das lutas, mobilizações e até a mais apaixonante das revoluções com o coração e os olhos das mulheres. E, nós acrescentaríamos, com a estratégia revolucionária que envolveu os anseios de toda uma geração de mulheres e homens bolcheviques em sua luta pela emancipação.

A riqueza de dados do livro nos conduz a concluir que não basta ter os ideais corretos, mas uma estratégia revolucionária para fazer carne a essas ideias. “*Chamamos comunismo o movimento real que [anula e] supera o estado de coisas atual*” (Marx; Engels, 2007: 38). Superando um pensamento utópico que busque soluções no interior desse sistema ou os retrocessos que o stalinismo deixou (e o horripilante legado ainda presente em setores da esquerda), o livro de Wendy Goldman nos fornece elementos para recolocar, partindo da reflexão da mulher, a necessidade de uma perspectiva verdadeiramente comunista e emancipatória, que só se pode desenvolver sob a bandeira e a realidade da revolução socialista internacional.

Bibliografia

ENGELS, Friedrich (s/d). A origem da família, da propriedade privada e do Estado. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Obras Escolhidas - Volume III*. São Paulo: Alfa-Omega.

_____ (1962). *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. São Paulo: Editora Fulgor.

GOLDMAN, Wendy (2014). *Mulher, Estado e Revolução*. São Paulo: Editoras Iskra e Boitempo.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich (2007). *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo.

TROTSKY, Leon (s/d). Contra la burocracia, progressistas y no progresista. In: *Cuestiones de la vida cotidiana*. Disponível em: <http://ceipleontrotsky.org/X-Contra-la-burocracia-progresista-y-no-progresista>